



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*



Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira, 17 d'Agosto de 1908

OS NOSSOS

4.ª SERIE
Brindes semanaes
Aos assignantes e annunciantes
2.500\$000 
ou
 **1.200\$000**
por um vintem!

Condições do Sorteio

1.ª — Ver se n'estes numeros

a

está contido o numero da **SORTE GRANDE** da **LOTERIA PORTUGUEZA** de 21 d'AGOSTO; se estiver, o possuidor d'este jornal tem direit a **DECIMO 3358** para a **LOTERIA PORTUGUEZA** de 28 de AGOSTO de 1908.

2.ª — O possuidor do jornal premiado deve escrever-lhe o seu **NOME** e **MORADA** e entregar-o n'esta redacção ou enviar-o em **CARTA REGISTRADA**, afim de não haver extravio, até á **VESPERA DA LOTERIA** a que pertence o decimo sortado.

3.ª — Quando os decimos nã forem requisitados no **PRASO D'UM MEZ**, A CONTAR DA DATA DA LOTERIA, ficam sendo propriedade d "**AZULEJOS**".

4.ª — A este sorteio teem direito apenas os **ASSIGNANTES D'ESTA REDACÇÃO**, sendo, portanto, excluidas todas as pessoas que comprarem ou assignarem o jornal aos ncssos **Agentes e Depositarios**.



Conselheiro Augusto de Castilho

Aluga-se

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
 8 Logares
 Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

ALBERTO FERREIRA
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 às 12

ANACLETO DE OLIVEIRA +++
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.º

JANUARIO & MOURÃO
 Ourivesaria e relojoaria
 Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
 Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
 Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

Louças-vidros-talheres

Quasi de graça

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, Rua da Palma, 35

PEDRO CARLOS DIAS DE SOUSA

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
 Grande sortido de lustres em todos os generos

EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDAS
 Arte decorativa
 Artigos para brindes

GATOPRETO
 R. de S. Nicolau
 (Esquina da R. do Crucifixo)



As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenômes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dêdos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitio do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencias para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

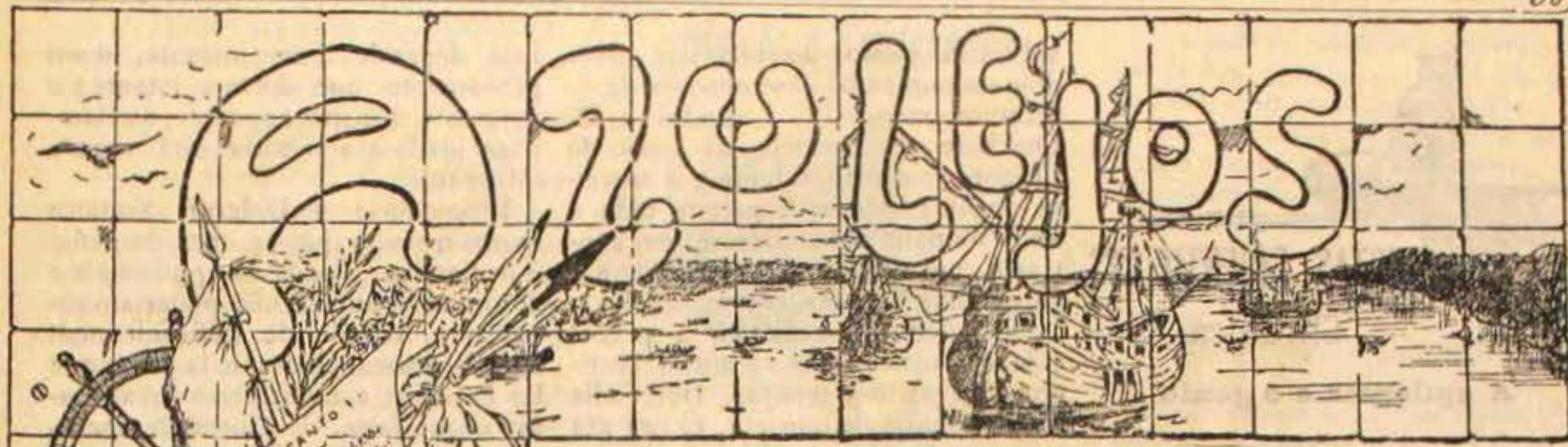
— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o maior absoluto segredo, a mais completas discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO



*Semanario illustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.ª
 LISBOA

Segunda-feira
 17 DE AGOSTO DE 1908

Condições de assignatura
 (Pagamento adelantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias..... 400 *
 A cobrança pelo correio é augmentada
 de 60 réis.

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem: 6000 exemplares.



CHÁ

E TORRADAS



proposito da infausta morte de Trindade Coelho, cujas qualidades de caracter, de inteligencia e de sabêr o collocavam num lugar proeminente na sociedade portugueza; acontecimento inesperado que veio enchêr d'espanto e de dôr profunda tôdos aquêles que tinham a ventura de o conhecêr, fôsse pessoalmente, fôsse pêlos seus trabalhos ou simplesmente pêla integridade da sua alma diamantina; dizia-me, ao vêr passar o entêrro do desditoso juriconsulto, o meu amigo Tristão Madureira:

— Já reparou, amigo João Kevê, que extraordinario, complexo e, principalmente, que paradoxal é o acto do snicidio? Paradoxal, sim, porque para que um individuo se suicide é necessario têr, ao mêsmo tempo, a coragem dos que não tem coragem e possuir a falta de coragem dos que tem coragem. Vae um homem pêla vida fôra, caminhando aos tropeções, escorregando aqui, caindo alem, le-

vantando-se acolá, e salvando-se a custo dos perigos, das covas da estrada, dos lameiros e das enxurradas, mas sempre á custa do proprio esforço, por não têr quem lhe estenda a mão.

Mascaras illustres



J. Simões Dias

Ao cabo dum certo numero d'annos chêga a meio caminho, sustentado pela propria coragem, qualidade que, mercê da pratica, dia a dia se foi affirmado e robustecendo.

Eis que na sua frente se abrem duas verêdas: uma, larga, de piso macio e plano, bordada de flôres que embalsamam o ambiente; tudo convida a seguir por éla, porquanto a outra serpenteia em serra abrupta e quasi a prumo, é semeada de pon-

teagudos calhaus e tão estreita se offerece á vista que os cardos, silvas e piteiras que a ladeam, fatalmente despedaçarão as carnes de quem nella se internar.

Escolhe-se a primeira mas, á entrada, alguém nos diz: Paga-se para seguir este caminho. — O preço? — A honra! — E o viandante da envergadura moral dos Trindade Coelho sorri nobre mas tristemente e, voltando atraz, entra de votadamente no carreirinho estreito onde se não paga para caminhar senão com pedaços d'alma e de corpo que os cardos conservam enquanto os corvos e abutres não são chamados, mercê do cheiro a coisa apodrecida. No alto da montanha está o caminheiro, rôto, em sangue, mas altivo e corajoso e vê que a estrada se alarga um pouco, o chão é mênos pedregôso e, aqui e acolá, um ou outro tufo de madre-silva odorifera amenisa o olhar e o olfato do desventurado.

Pois bem, nêsse momento, o animôso, o forte, o altivo, aquêle que se deixou orucificar para não pagar a felicidade por um preço infamante, que teve a hombridade de não transigir, perde a coragem no momento em que tudo lhe mostra que a devia tonificar e acha a coragem necessaria para desertar... Que estranho, inexplicavel, complexo e paradoxal é o acto do suicidio.

Pobre Trindade Coelho!

Ao mêsmo tempo heroe na pugna e desertôr das fileiras.

Simultaneamente animôso e corbarde, altivo e submisso, titan e pigmeu.

Que paradoxal coisa é o suicidio e... o resto.

JOÃO KEVÊ.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

A epilepsia e o genio

Para Cezar Lombroso o genio é uma degenerescencia de natureza epileptica.

O sabio antropologista italiano fundamenta a sua opinião na ascencia alcoolica e alienada d'alguns homens geniaes, em varias anomalias, especialmente na asymetria craneana, nas allucinações, na precocidade venerea e intellectual, no somnambulismo, na frequencia do suicidio, na intermittencia, nas amnesias e analgesias, na inclinação para a vagabundagem, na religiosidade, nas phobias, na dupla personalidade, nos multiplos delirios simultaneos, no misoneismo, nos descendentes criminosos e imbecis, na paixão pelos animaes e sobretudo — na analogia do acesso com o momento da inspiração.

A mim, porém, afigura-se-me que o genio não é coisa degenerativa nem tampouco d'origem sagrada; porquanto eu julgo impossivel comprehender-se que as obras mais bellas e mais uteis da nossa civilização sejam creadas por cerebros onde existem graves perturbações d'estructura e de vida. E embora os theoristas tragam a terreiro, em sua defeza, esses grandes desequilibrados de renome, parece-me que taes casos devem ter uma interpretação differente.

Definida a degenerescencia principalmente pelo lado psychico, com todas as suas falhas retrocessivas, não se pode deixar de admittir que o degenerado tem sempre uma mentalidade inferior. E' pois paradoxal a classificação de degenerados superiores a que chegaram alguns psychologos, no intuito d'explicar as intellectualidades celebres e excentricas.

Postos os olhos nas culminancias, esqueceram se das psychologias vulgares cujo estudo anda tão desprezado, não obstante demorar n'ellas talvez a ponta do fio do emmaranhado problema.

Em cata d'estigmas, esquadrinharão biographias, consultaram tradições, e assim foram amontoando factos que apodavam d'anormaes, quando a verdade é que os encontrariam no homem medio, se descessem ao ramerrão quotidiano.

Não havendo exquisitices que respigar na trajectoria dos maiores astros da Peninsula Iberica, somente lhes apontam a vagabundagem e o celibato. Ora quem conhece a historia de Camões e de Cervantes, sentirá por certo surpresa de que sejam atidos por degenerados e a admiração

subirá de ponto, ao recordar esses dois monumentos assombrosos da literatura mundial — Luziadas e D. Quichote — a epopeia da união do Oriente com o Occidente e a novela cavalheiresca onde palpita toda a alma humana debatendo-se em contraste com a lagrima que faz rir e a gargalhada que faz chorar.

De Beethoven registam a precocidade artistica: aos 13 annos já tinha composto 3 sonatas. Descendia d'uma familia de musicos. O pae era tenor da capella do Elector de Colonia e o avô, cantor e depois mestre da mesma capella.

Conta-se que Beethoven esqueceu-se um dia de jantar e frequentes vezes, entusiasmado com os arroubos do ideal, voltava dos seus passeios aos bosques, havendo deixado sobre a relva o chapéu e o casaco.

Alem d'isso, accrescentam, o pae do eminente symphonista foi um alcoolico tão famoso, que todos os taberneiros carpiram a sua morte!

Rembrandt não fôra esteril; mas debalde gastou esforços para fazer pintor a seu filho Titus a quem educou com o maximo desvelo paternal.

Gladstone, o venerando estadista inglez, de pequena estatura, tinha o habito d'entalhar nos troncos das arvores desenhos e pensamentos.

E aqui está como se tem formado a sciencia do genio apelidando de leis accidentes e aspectos que se tocam em cerebrações banaes.

Comparando agora o genio com a epilepsia, eu não vejo nexos que os abraça n'uma relação intima. E para o provar, não preciso d'esmiuçar a sua enatomia nem a sua physiologia: basta deter-me um pouco na observação psychologica.

Os degeneratistas affirmam que na inspiração ha muito do accesso epileptico: a instantaneidade e a inconsciencia. Os proprios homens de genio descrevem «este estado mental como uma febre suave, durante a qual o pensamento se torna involuntaria e promptamente fecundo, como a fagulha d'um tição que se sacode».¹

Goethe, Alfieri e Ariosto confessavam ter despertado muitas noites sob o impulso forte da inspiração.

As invenções musicas de Mozart surgiam-lhe na mente á maneira dos sonhos.

Os amigos de Hoffmann referem que elle lhes contara: «Para compor, sento-me ao piano, fecho os olhos e copio o que eu oiço dictarem de fóra».²

«Não sou eu quem pensa — dizia Lamartine — são as minhas ideas que pensam por mim».³

Para Napoleão a sorte das bata-

lhas depende d'um instante, d'um pensamento que dormia latente; o momento decisivo apparece, o relampago luzila e a victoria está segura (Moreau).

Dirigindo-se a Diderot, Voltaire tambem opina que «a obra do genio é instinctiva. Todos os philosophos do mundo reunidos não poderiam escrever a Armide de Quinault nem Les animaux malades de la peste que La Fontaine compoz, sem quasi saber o que fazia. E Corneille escreveu a scena dos Horaces simplesmente como uma ave construe o seu ninho».

O maior erro dos lombrosianos não provém d'elles assemelharem a inspiração ao icto ságrado, mas sim de a restringirem com os qualificativos subitaneo e inconsciente aos homens extraordinarios. Pois em boa razão, este phenomeno psychico sempre se realisa segundo o mesmo processo, até nos espiritos mais modestos; e a haver differença, é apenas de grau. Uma idea, fóra da alçada da reflexão, na obscuridade silenciosa do inconsciente vae pouco a pouco agrupando a si outras ideias e imagens que se associem n'uma harmonia perfeita, e quando esses elementos espirituas attingem uma determinada concentração d'unidade, a idea primaria, modificada, engrandecida, expressiva, impõe-se á consciencia, accorda na intellectualidade as demais energias que a reforçam e resoam com ella, e ei-la a vida interior explodindo em plena luz. E' a torrente da inspiração, é a natureza resuscitando para a natureza, depois de metamorphoseada no cadinho do cerebro.

A ser verdadeira a theoria da escola italiana, não se concebia artista sem o ferrete herculeo.

Mas o mais interessante é que pelos meus estudos do morbus sacer vim dar a um polo opposto ao de Lombroso.

D'entre tantos epilepticos que observei, nunca vi fulgurar a tal scintilha do genio.

Acabrunhados, psychasthenicos, elles apparecem na arte e na literatura com os seus pensamentos triviaes, com o seu estylo monotono e com a sua fórmula rudimentar, e se acaso o espirito tenta subir aos páramos, as suas azas impotentes de degenerado, tombando para o ambiente commum, apenas lhe permitem evoluções confusas e vagas a dentro de horisontes limitados.

Na sua originalidade berra tresloucada a incoerencia, a par do contraste que domina em quasi todas as suas concepções. Falece-lhes porém aquillo que melhor define a supercebração: a unidade. Elementos psychicos attraíndo se ás vezes por mera assonancia ou pelo prazer do neologismo, organisam um estado mental sem ordem nem finalidade, e se o conjuncto mostra apparencia de coordenação, vasculhando-o bem, acham-

¹ L'Homme de Genie por Cezar Lombroso. 3.ª edição franceza, 1903.

² Psychiatr. Briefe por Schilling, 1863.

³ Leçons des maladies mentales por Ball, 1881.

se ao menos aquelles symptomas calligraphicos e psychographicos que eu fixei n'outro capitulo.

Succede exactamente o contrario com o homem de genio. Mesmo no trabalho da esphera inconsciente que prepara o momento da inspiração, as leis cerebraes já se cumprem com tendencia harmonica, de modo que, quando ella irrompe caudalosa e imprevista, o genio executa a sua obra n'um equilibrio tão admiravel, n'uma systematisação tão completa, que chega a imprimir rumo a uma epoca, a gravar cunho immorredero na historia da Humanidade e a congregar em torno de si milhares d'almas que o seguem deslumbradas e convencidas, adoptando a sua orientação e revigorando-se no seu fogo de Prometheu.

Com os mesmos elementos intellectuaes — percepções, imagens, ideas — o homem reproduz na sua mente o mundo real ou inventa ou idealisa, architectando altas theorias estheticas, philosophicas, scientificas e sociaes. Conforme as imagens se combinam, assim a intelligencia se chama reproductora ou creadora. Por encontrar combinações novas, originaes, se distingue da vulgaridade o homem de genio.

Nós todos impressionados pelo meio, coordenamos imagens, arranjam associações com determinado fim. Dest'arte pomonos de accordo com esse meio, vibramos em unisono com a orchestra maravilhosa da natureza e reentramos na communhão do amor universal.

Mais ou menos vigoroso, no fundo de cada mentalidade está o genio, a vida espiritual encaminhando-se para a harmonia. Só nos degenerados elle existe enfraquecido e ausente nes loucos. Por conseguinte o homem de genio não se desvia da evolução normal: apenas marcha na vanguarda. Avança, não retrograda: é o progresso e não a degenerescencia.

Se nos diversos ramos do saber humano scintillam intellectos bizarros, é porque ao lado da genialidade pode haver alguma extravagancia psychica (allucinação, phobia, tic) que não constitue só por si alicerce degeneratista, mas deve ser herança, habito contraído, defeito de educação ou consequencia de labor cerebral excessivo. Muitos d'elles, buscando a inspiração no alcool e no opio, intoxicam-se, tornam-se bohemios desregrados, as cellulas nervosas hyperfinadas respondem á minima excitação com tremores convulsivos epileptoides ou choreicos e sonhos incoerentes, até se extinguirem na demencia paralytica, enquanto os biographos concluem á porfia:

— O genio é uma nevrose.

— O genio é uma loucura.

— O genio é uma degenerescencia.

E a mocidade inexperiente, candida, generosa, deixa-se arrastar atraz d'estes clamores. Procurando imitar esses grandes artistas, tortura-se,

Modas e Confeções



amarfanha a vocação, torce o temperamento, delira com o estro doentio, dá-se ares de lypemaniaca, exgota-se na vid'airada, finge deleitar-se com as podridões, as monstruosidades e grangrenas do mundo, e assim ella resurge impotente, esteril, envelhecida, a declarar-se para todo o sempre — uma degenerada superior!

Entretanto, os rouxinoes gorgeiam nas olaias floridas, os ribeirinhos deslisam colleando atravez das campinas verdejantes, pelo firmamento azul o sol continua a rolar espargindo ondas de oiro e as almas simples, amanhando a terra fecunda ou amoldando o aço nas officinas, entoam a sua canção banhada na alegria de viver.

LUIZ CEBOLA.
(medico)



NAUFRAGIO

POR
Edmundo de Amicis

(Continuação)

A plata-fôrma que cobria a machina arrombou-se, e a agua precipitou-se dentro com um estrepito horrivel; as fornalhas apagaram-se e os machinistas fugiram; jorros de agua impetuozos penetravam por toda a parte. Uma voz potente gritou:

— A's bombas!

Era a voz do capitão. Os marinheiros correram ás bombas.

Mas um golpe de mar repentino, atacando o navio pela ré, despedaçou parapeitos e portinholas, e uma torrente invadiu o navio.

Todos os passageiros, mais mortos que vivos, se tinham refugiado na sala grande.

N'um certo ponto appareceu o capitão.

— Capitão! capitão! gritaram todos juntos. Que se faz? Está em perigo? Ha esperanza? Salve nos!

O capitão esperou que todos se calassem e disse friamente:

— Resignemo-nos.

Só uma mulher soltou um grito:

— Piedade!

— Ninguem mais pronunciou uma palavra.

O terror tinha-os paralyzando a todos.

Muito tempo se passou assim, n'um silencio sepulchral.

Olhavam uns para os outros, pallidos como defuntos.

O mar cada vez se enfurecia mais! — horrivel! O navio balouçava pesadamente.

N'um dado momento o capitão tentou lançar ao mar um barco salva-vidas.

Cinco marinheiros entraram n'elle, e o barco arriou, mas foi logo envolvido por uma onda, e afogaram-se dois marinheiros, um d'elles o italiano.

Os outros a custo conseguiram, aherando se ás cordas, tornar a subir.

Depois d'isto os proprios marinheiros perderam a coragem.

Duas horas depois o navio estava já immerso na agua até á altura das enxarcias.

Uma scena horrorosa se passava no emtanto sobre a coberta.

(Continúa).

Quando ella passa...

Vivo bem triste n'uma dôr constante
Tão delirante de cruel paixão;
Quero dizer-lhe meu febril segrêdo;
Mas tenho mêdo que ella diga: Não!

Quando ella passa tão serena e bella...
Que diva aquella que me causa ardôr!
Fico prendido ao seu olhar risôhno
N'um mago sôhno de feliz amor!

Lindo cabéllo, candoroso rôsto,
Côrpo bem pôsto de gentil delphim;
Olhos azues de divinal fulgôr,
Olhos d'amor, oh! nunca os vi assim!

E digo triste n'uma voz cançada:
— Que linda fada para mim sorri!
E' uma formosa angelical figura
A imagem pura da celêste huri.

Com que ternura vejo o rôsto lindo
Quando sorrindo seus passinhos dá!
Passa por mim e diz-me em voz candente
Tão meigamente: — Viva... como está?...

Como é formosa quando lêda passa
Com tanta graça quando a tarde corre!
Ai, não julgando que este humilde ascêta,
(Pobre poeta!) só por ella morre!

Vivo bem triste n'uma dôr constante
Tão delirante de cruel paixão;
Quero dizer-lhe meu febril segrêdo
Mas tenho mêdo que ella diga: Não!

Porto.

PINTO FERREIRA

Errata — No 1.º soneto de Pinto Ferreira, publicado no numero anterior, deve lêr-se na 2.ª quadra:

Que solta esta minha alma alanceada;
Conto-lhe a minha sorte desolada;

Philosophando...

Na passada semana, teve lugar o enterro da infeliz varina que foi encontrada, morta, na Azinhaga de Santa Luzia, para os lados do Campo Grande.

De passeio por uma das ruas por onde passou o funebre cortejo, assisti, commovido, ao desfilar dessa massa compacta de povo — na significação exacta da palavra — que, em piedosa romagem, correu a prestar derradeiro preito a um ente da sua classe, n'uma alta e significativa prova de quanto os pobres são unidos, e de como a dôr que fria e cruelmente fêre um d'elles, é sentida e partilhada pelos demais.

A impressão que senti ao ver todos esses individuos, homens e mulheres, trajando lucto e seguindo respeitosa a carreta em que ia a pequena morta, foi das que não mais se esquecem! E as dolorosas considerações, as duvidas, as perguntas que assaltaram o meu espirito, confesso, encheram-me de tortura, de remorsos, de pavor!

Senti-me, — eu, que julgo nunca a ter visto — cúmplice no assassino d'essa desventurada creança!

E porque não? não faço eu parte da Sociedade?

E quem a matou?

Não foi essa Sociedade que, n'uma pertinaz cegueira e n'um constante abandono, filhos d'um egoismo revoltante, brutal, consente que mulheres e creanças indefesas se arrastem por essas ruas, moirejando o pão de cada dia, que, pelo hediondo crime de não terem nascido em doirados berços, a Deusa Fortuna lhes nega?

Quem levou a mão nefanda a estrangular e roubar, senão a Sociedade que esbanja rios de dinheiro em futilidades e fecha avaramente a bolsa, recusando-se a instruir os que não teem posses, a converter monstros em Seres bondosos?

Quem, senão a Sociedade, provoca ou melhor atira para o ventre hediondo do prostibulo, corpos em flôr, mocidades a rir, pela recusa dos meios de vida e pelo acêno de promessas a que jámais houve tenção de dar cumprimento?

Quem, senão a Sociedade, n'uma fãisa noção de vida, faz com que cada individuo sinta as suas necessidades e affirme os seus direitos, negando identicas necessidades e iguaes direitos ao seu Semelhante?

Quem, senão a Sociedade, alimenta o orgulho, a vaidade, essas perniciosas qualidades que levaram os contristados paes da morta, a enche-la de ouro para deslumbre e inveja das vizinhas, e que, afinal, rpenas serviu para despertar os ferozes instinctos de um monstro que, para o possuir, não hesitou em matar?

.....

E como estas, outras dolorosas considerações assediaram o meu espirito e me forçaram a sentir, como mem-

bro de uma Sociedade que fecha positivamente os olhos á Razão, á Verdade e ao Amor, remorsos pela morte d'aquella inditosa creança.

BENTO MANTUA.

O concurso artistico do AZULEJOS

Querendo ser amaveis para com muitos dos nossos assignantes e leitores de Portugal e Brazil, que nos pedem o prolongamento do prazo do nosso concurso, resolvemos effectualo no mez de setembro, pela occasião do primeiro anniversario do AZULEJOS.

Podem, portanto, os srs. colleccionadores enviar as suas colleções até ao dia **10 de setembro**, porque o conenrso realizar-se-ha no dia **21 de setembro**.

Qualquer pessoa pode ainda colleccionar **20 mascaras illustres**.

BORDADOS E RENDAS



Versos dedicados

A uma menina que é Olinda

(Em sonho)

Um dia abandonou-me a minha amada
Triste fui para um prado mui risonho;
Deitei-me adormeci: e vejo em sonho
O meu querido amor formoso em fada.

Eu disse angustiado: — O' adorada!
Porque me fazes tu andar tristonho,
Por este vão caminho que transponho,
A minha alma tão triste amargurada?

Abranda a minha magua tão ardente
Que ha muito que por ti sinto, e padeço,
Por tu me abandonares tão cruelmente,

Oh! solta-me um sorriso, eu só te peço!
— E ella, respondeu-me altivamente:
— Vae-te embora rapaz, não te conheço!

Porto 31-7-908

FRANCISCO DOS SANTOS PEREIRA PINTO.

Intuição da Dôr

Estudantes cantae que está luar,
Sonhadores sonhae maior ventura
Sêde clarão de aurora á vida escura
Ah! Bohémios andae sempre a gozar

Todos vós, todos vós, a disfarçar...
Talvez por intuição de dôr futura
Condições possuis da desventura
Melhor de que a ninguém vos assolar

Bohémios, sonhadores, estudantes
Dedilhae a guitarra docemente
Tal como nos Cêus eu me elevava d'antes.

Gozae, cantae, estudae, passivamente
Colhei todas as flores dos descantes
Que eu chorando estarei eternamente.

Coimbra, 1902.

LUCIANO D'ARAÚJO.

A Liberdade

Divagando.

(A Elzemann B. de Freitas)

— O que procuras, nocturno sonhador,
sempre dedilhando a guitarra e entoando canções amorosas?!...

— «A mulher,—o anjo que só adoro e canto...»

—E tu, bandido,—sempre tentando occultar as tuas horrendas e sanguinosas infamias?!...

— «Matar a fome...»

—E tu, nauta, sempre espraçando a vista por sobre os pélagos que sulcas?!...

— «A minha patria...»

—E tu, ancião,—a quem as câs povoam e os annos esmagam?!...

— «A terra... que cêdome hade occultar...»

—E tu, dôce mãe, a synthese do Bem e do Martyrio?!...

—O meu filho perdido...»

—E tu, crente,—a quem os sublimes templos captivam e encantam?!...

«A... voz de Deus...»

—E tú, philosopho, sempre olhando a terra e desprezando os céos?!...

— «Refugiar-me na Morte para experimentar o Nada...»

—E tu, o que procurarás?! O livido captivo,—esquecido do mundo e perdido no meio da solidão e da indiferença?!...

E elle, soltando um dolorosissimo soluço de arrependimento santo e mostrando-me a ave que se perde nas cereuleas estradas infinitas que rapidamente percorre, responde-me:

— «O que me roubaram:

— **A Liberdade...**

Porto, 1907.

(Dos *Sombrios* livro inedito)

PEDRO MARIA DA FONSECA

A NOSSA ESTANTE

Dor Humana

(Heresias em verso com um prefácio)

por ANGELO JORGE.

N'este volume de versos de sessenta e duas paginas vibra, sem receio o

amigo que com elle diz o auctor ter sentido a mesma aspiração humanitaria e cuja morte ainda chora saudosa e humanamente.

Se ha composição poetica por onde facilmente se possa auferir do valór de um poeta, é, crêmos bem, o soneto onde os quatorze versos são para o crítico de uma viva eloquencia. Pois ante este soneto vimos logo em Angelo Jorge a existencia de um poeta de technica apreciavel e de valor poe-

PRELUDIO

I

Sonho ideal d'Amor e d'Igualdade
Que á minha alma desceste em certo dia,
Sê sempre, ó Sonho, o meu constante guia
Nos labyrinthos máus da Sociedade.

Dá-me paixão, vigor, tenacidade,
Dá-me altivez e fogo e rebeidia,
Na guerra santa ao Mal e á Tyrania,
Na lucta em pról da Paz, da Liberdade.

Portugal pittoresco



BENAVENTE — Paços do concelho

afirmamos, a alma de um verdadeiro poeta e não, como á primeira vista pareceria, a quem avaliasse da obra senão pelo titulo, a de mais um confesso choramingas sem ideia que viesse incorporar-se no numero de muitos dos pretensos soffredores da dôr dos outros. Aqui ha inquestionavelmente a revolta sincera contra a mentira religiosa, a injustiça da lei e a iniquidade da oppressão.

É ha mais ainda a caracterisar um poeta valoroso, a nobre e sublime aspiração que nos entusiasma e anima, a lucta sacratissima em prol de um mundo de amor, de paz e liberdade.

Como legenda tem o volume um pensamento de Guerra Junqueiro e versos de Theophilo Braga, Mayer Garção e Augusto de Castro, referentes ao thema — Dôr Humana — e a seguir um soneto, nos apparece já, de Angelo Jorge, dedicado á memoria de Antonio Rodrigues (Maravilhas) seu

tico incontestavel, singelo na forma e profundo na ideia...

Logo após o soneto ha um prefacio do proprio auctor do opusculo aonde largamente se occupa em prosa dos variados soffrimentos sociaes que affligem a humanidade declarando comtudo não ser a vida má senão nas condições actuaes sob a tyrannia da lei, da falsa religião e da iniquidade, perniciosos factores estes que pretende destruir por uma lucta santa, em demanda da libertação que, confessa, a propria natureza do homem e os progressos da sciencia reclamam.

Finalmente entramos no assumpto capital da obra formado por poesias de varios metros e de diferente especie, com a finalidade exposta.

Para prova do que afirmamos poderá melhor avaliar-se dos intuitos da *Dôr Humana* pelos versos que seguem e que constituem uma parte da primeira d'estas poesias.

Meu pobre coração despedaçado,
Dentro em meu peito pulsa, revoltado
Contra Deus, contra a Lei e a Iniquidade.

Abraza-te ao calor da minha Crença,
Para que possa a tua dor immensa
Conter a immensa dor da Humanidade!

II

Não busco, ao sol da abominavel Gloria,
Alto empunhar a luzida espada,
Ser um segundo Atila na Historia:

Quero mostrar á plebe ensanguentada
Toda a origem do Mal que a fere, opprime
E a fez inerte, escrava, acorrentada;

Quero mostrar-lhe a iniquidade e o crime
Que o throno encerra e encerra o Vaticano:
Tudo o que Lei e Auctoridade exprime;

Quero rit-me de Deus, velho tyrano,
Que ha dez mil annos, tragico iracundo,
Traz opprimido o Pensamento Humano;

Quero, nium brado intenso, audaz, profundo
Combater a Oppressão e a Tyrania,
E propagar por todo o vasto mundo,

O Amor, a Liberdade e Rebellia!

Convém notar, embora isto vá ferir os rotineiros em arte poetica, que Angelo Jorge adopta por vezes o alexandrino com os accentos tonicos na 4.^a, 8.^a e 12.^a syllabas sem que o verso assim constituido perca em valor e antes pelo contrario sabe o auctor imprimir-lhe muito realce e belleza.

Não nos permite o pouco espaço de que dispomos alargarmo-nos em vastas considerações como este trabalho merecia, já pela sinceridade que revela, orientação philosophica a que obedece, correcção de forma que possui como pela grandiloqua aspiração social que, tão bem synthetisa, mas permite-nos no entanto que o animemos a que continue a trilhar resolutamente essa estrada florida e gloriosa da poesia, que por certo o levará á consagração definitiva do seu nome no campo da poesia philosophica — social quando, em futuros trabalhos de maior folego de que Angelo Jorge é susceptivel, vier enriquecer e ennobrecer a nossa litteratura continuando assim enfileirado no numero dos poetas que hoje mais do que os regionalistas e que os patriotas se tornam pela sua obra de utilidade e belleza artistica os que um maior e intimo culto merecem á humanidade de cujos infortunios são os legitimos reflectores e de cujas aspirações os mais denodados e constantes campeões.

Lisboa, 6-8-908.

LUCIANO D'ARAÚJO.

MORTO

Conto por Arthur Doria

(Conclusão)

Ah! infelizes dos que luctam pelo Bem e pela Verdade, porque d'elles é o reino da morte, — phisica ou moral. A sociedade é obrigada pela corrupção em que vive a obedecer, como Pilatos obedecendo ao povo, a condemnar, como o povo condemnando a Jesus, os pobres sonhadores que se atrevem a pensar alto.

Póbre moço!

Depois, mais tranquilla, pensou se não devia ir incontinenti dizer-lhe adeus. E se soubessem? E demais que ganhava com um ou outro caminho? Se morrêsse, era inutil, se vivêsse, consolá-lo ia...

Mas tambem, que ingratal abandonar aqui, á beira do esquife, o que morria por sua causa, o que a chamava talvez com o fito de adormecêr para sempre sob a luz do seu olhar, era proprio porventura de pessoa que tem alma?

O cão, tem-se visto já, não morre a uivar pelo seu bemfeitor? Não, a abonava nada o facto de deixar-se ficar, indifferente, ás feridas sangrentas, abertas, indirectamente, por sua causa.

Defendê-a na sua honra? Pagásse-lhe na mesma moeda — á honra com honra. A sua visita aviltal-a-ia? Não, que se tratava d'um moribundo. E que se aviltasse publicamente? O dever mandava-a aos olhos do mundo partir logo, embora sacrificasse a sua honra, porque lhe ficava a tranquillidade do seu bello procedimento e a certeza de que não deixára de ser mulher virtuosa.

Acabou de vestir-se, apressadamente, admirada de que d'um nada tivesse feito um bicho de sete cabeças. Que tóla! occupar-se dos outros, limitar-se ao seu modo de vêr e de proceder, com sacrificio proprio... A escravidão desapparecera ha muito, para que esse medo pois, vindo dos de fóra, a cortasse autocratamente a liberdade d'acção? Ao dever! ao dever!

Em frente do enorme espelho de crystal, ella punha o chapéu, e arranjava o mais que podia — o cabelo. Preparava-se já para sair quando lhe entregam segunda carta, sem estampilha nem adresse. De novo, ahí lhe volta a afflicção, agora mais violenta. E rasgá-la, sem vêr o que diria?

Sentou-se, olhos fixos no envelope, como que a interrogál-o, passando a mão pela testa coberta de suor.

Viria d'elle?

Mas, agora, ao pensar n'elle, não tinha como da primeira vez, pressa em abrir a carta.

O que lhe quereria ainda?

Antes a duvida do que verdade, antes a fé do que a certeza...

Devia ter peito feito para tudo, — para tudo.

Precisava de calmaria, de prevenir-se contra a peor das hypotheses — a morte. Tentava já inteirar-se do assumpto, quando o creado vem annunciar o amigo do seu marido.

A marquezeta amarrotta a carta entre os dedos, e lança-a para debaixo da cama.

O visitante entrou, — risonho, todo bem pôsto. Estranhava-al Estava doente? Pois nem ao banho fóra, a preguiçosa...

Mas como a visse de má catadura, disse-lhe o que o trazia áquella hora: Empenhava-se em que ella fosse a uma soirée.

A marquezeta respondeu um imperceptivel «Talvez», e despediu o.

Uma soirée! e dada por aquelles que insultam a mulher que os despreza, que criticam todos e a tudo, que assassinam o primeiro sonhador que defende com lealdade a Mentira e se colloca ao lado da Fraquezal... Raça de malditos! Ella saberia d'ahi em diante affastar-se d'elles como animaes perigosos, e jurava respirar o menos possivel a atmospherá em que respirassem.

Uma terceira campainhada soou, agora mais forte e prolongada. Iam servir o almoço.

Ella teve a intuição vaga da catastrophe.

Ajoelha-se estende a mão para de-

baixo da cama, e apanha a carta amarrotada.

Aperta-a, entre os dedos, por um instante.

Dir-se-ia que o queria era reduzil-a a pó, para ignorar o contheudo.

Leva a mão á testa, as palpebras sóbem e descem desusadamente, como se communicassem com os pensamentos varios d'aquelle cerebro transvariado.

De vagar, tremulas as mãos, desdobra o envelope, estende-o, aliza-o...

Fixa-o depois, demoradamente, com ares dolorosos presentindo antecipadamente a sua felicidade perdida...

Resolve-se, emfim!

Empallidece mais, — côr de cadaver. As fontes batem-lhe com força.

Parece que lhe vae estalar o coração.

Uma...

E se elle podesse salvar-se?

Duas...

E se elle podesse vivêr por muito tempo?

Tres...

Então como seriam felizes!

Tira, precipitada, a fôlha de dentro. Alteram-se-lhe horrivelmente as feições.

Sôlta um grito, — d'esses que a larynge produz uma vez na vida.

A carta não era d'elle, — mas do medico.

E uma palavra, fria, curta, cortante, luctuosa, vinha quasi ao meio da fôlha.

Essa palavra, cil a :
— «Morto!»

Vizeu

ARTHUR DORIA.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

O beneficio a Eduardo Macedo marcou mais uma das tardes sensaboronas que temos tido esta epoca no Campo Pequeno.

Realmente já ninguem pode fiar-se em que vae á praça para vêr corridas de touros, porque a verdade é que nenhum ganadero dos que são competentes para as nossas praças, possuem gado bravo. Em todas as corridas vem por engano — de certo — um ou dois touros a que se possa encontrar alguma bravura, mas na generalidade o resto é composto de mansos, fugidos, cobardes, bois solemnnes emfim!

O sr. Correia de Castro, lavrador de Cabrella, que em praças pequenas como as de Setubal e Moita tem feito muito boa figura, apresentou para estrear da sua ganaderia no Campo Pequeno um curro onde havia de tudo: desde as pequenas cabras com grande armação, até aos corpulentos bois de trabalho. E a respeito de bravu-

ra... o 7.º, apenas, que foi bem bandarilhado por Cadete e Manuel dos Santos que aproveitaram as boas condições do animal no primeiro estado.

Manuel dos Santos fez muito mal com aquelle pedido para mais um par. Devia comprehender que o intelligente queria reservar as condições do animal para o espada se luzir com a muleta.

Estes artistas e os seus restantes collegas que tomaram parte na corri-



Bombita III

da fizeram algum esforço para se luzirem, mas a inferior qualidade do gado pouco os deixou brilhar. Ainda assim trabalhos houve dignos de menção, como uma boa sorte de cadeira por Alfredo dos Santos, que augmentou bem a sahida do animal.

Dos cavalleiros, que eram Morgado de Covas e Macedo, não se pode dizer bem nem mal. Ambos felizes com um touro e infelizes com outro.

O espada *Bombita III* diligenciou agradar ao publico com muleta e capote, e bandarilhou bem o 8.º touro, que lidou em logar do negro *Facultades*, cuja falta apenas foi sentida pelo beneficiado.

Do grupo de forçados, de que faziam parte o celeberrimo *Pintor* e o *Grillo*, um rapaz que no Colyseu já se salientou com o Raku, distinguiram-se em primeiro logar este ultimo, que teve uma pega boa, — a mais rija da tarde — depois o *Pintor*, que não pegou mal no 2.º e no 10.º, e o José Russo, que foi valentemente para a cabeça do 4.º.

A direcção boa, a não ser em ceder ás exigencias do publico quando Manuel dos Santos lhe pedia auctorisacão para metter mais um par no 7.º

ÉMECÉ.

Semana Alegre

Um ingenho que estava sentado num jardim publico, detraz duma rapariga, com a qual queria ligar conversação, não sabia como principiar.

Vindo um insecto pousar sobre a manta da rapariga, uma inspiração vem ao manco.

—Menina, lhe disse elle, tem um animal detraz de si.

—Oh senhor, perdão, disse a rapariga, com um grito de espanto, não o tinha visto.

O falso agente do AZULEJOS

Foi preso no dia 12 em Portalegre o gatuno que andava burlando os incautos intitulado-se angariador de assignaturas para este semanario, *cavalleiro* a que ha tempo nos referimos.

Foi apanhado na occasião em que pretendia surripiar a quantia de mil reis a uma dama d'aquella cidade.

Muito devemos n'esta diligencia ao nosso illustre agente em Portalegre, o ex.^{mo} sr. Silvestre Maria Bollou e ao ex.^{mo} sr. Zangarilho, assignante do *Azulejos*, a quem estamos muito reconhecidos.

O gatuno confessou o crime.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente : — Clara V. M.

A sua adolescencia e a sua mocidade tem sido pesada cruz sobre tão debeis hombros. Tenho imenso prazer que estas minhas palavras sejam lidas por aquêles que a tem martirisado, só pelo gosto de serem desagradaveis ao proximo. E' necessario chicotear fortemente os caracteres egoistas e fundamentalmente preversos cujo fito é, na sua efemera passagem sobre a terra, crucificarem os bons que dêles dependem, por vingança de não possuirem essa bondade serêna e doce, fulgente raio divino, emanação purissima do Ente Supremo, que torna certas, mas poucas almas brancas, diáfanas e sem mancha. O caminho d'abrolhos que a querida consulente ora vae trilhando, a bondosa resignação que lhe envernisa a individualidade, a paciencia verdadeiramente evangelica que couraça a delicada chama intellectual que a anima e, principalmente, o esquecimento da ofensa recebida, o perdão sincero dado ao inimigo trêdo e o desejo ardente que a chuva da ventura inunde, ainda á custa da sua propria ventura, aquêles que, com infernal satisfação e cinica alegria, a coroam de espinhos e acúlios, dão a Clara M. um logar primacial no régio e divino sólio onde brilha eternamente com magico fulgôr, a radiante estrêla da Verdade, do Amôr e do Eterno Bem.

Quando, enfim, a sua alma bendita despir para sempre o sujo involucro que se chama o corpo humano; quando os ultimos despojos materiaes abandonarem de vez a fina essencia de tólo o seu sêr; quando a aureola da grande Luz a envolver em um enorme e soberbo nimbo celestial; quando, esquecida a Terra, vasto e tenebroso repositório de infamias, maldades e traições, a consulente pairar, como um anjo que é, nessas regiões placidas da Eternidade, templo Augusto onde o Bem diz constantemente missa no altar da Virtude, saberá en-

tão qual o premio que Deus lhe destinou, qual a compensação concedida a uma vida inteira de tortura e de dôr.

Até lá, com os pés dilacerados pelos tojos dos caminhos, a sêde de justiça mitigada com o fêl da ingratidão, que nem um grito sequer de revolta e de censura faça vibrar os seus labios que só devem descerrar-se para proferir palavras de consolo e de perdão.

Oh minha santa e desconhecida amiga a quem me é dado, por mercê divina, o doce encargo de levantar uma ponta do veu que lhe encobre o futuro, como eu lhe invejo a sorte e os merecimentos.

E, se este pobre feiticeiro ainda fôr vivo quando Deus a receber no seu luminoso seio, rogue ao Ente Supremo que se compadeça de mim. E as suas palavras serão atendidas, porque da sua bôca não poderá sair um pedido injusto e Aquele que tudo pode, nada poderá negar a um dos seus mais perfeitos Anjos!

Assim seja!

Guitarra de Romanol

72

O teu riso lembra o trilo
D'um rouxinol, no frescôr,
Mas quem d'era não ouvi-o,
Pois teu rir é minha dôr.

73

Cantigas da minha terra
Tecedinhas ao luar,
Ai, quanta illusão encerra
Cada trova a suspirar.

Cumulos

Morrer de tristeza na praça da Alegria.

Do asseio : não limpar os dentes para não sujar a escova.

Da abundancia : encher de vinho os cascos de rolha.

Da caridade : enxugar as lagrimas dum foguete.

Da que pretende um emprego : esperar a vaga do mar.

VARIEDADES

Perdizes estufadas á portugueza. — Depois de convenientemente limpas, collocam-se as perdizes que supomos serem duas, numa cassarola, com um pouco de toucinho, quatro cebolas, quatro bocados de cenoura, meia folha de louro, um dente de alho inteiro, uma colher de vinagre, oito grãos de pimenta, dois decilitros de vinho branco, algum sal e folhas de salsa; tapa-se a casarola e põe-se ao lume moderado.

Logo que estejam cozidas, tiram-se e servem-se com o proprio mólho, mas depois de passado afim de se lhe tirar a gordura.

**QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?**

O CONCURSO DA 3.ª SERIE
Quem ganhou o relógio d'ouro e
a palmatoria de prata.
O 3.º 4.º e 5.º premios
Apuramento final

Decifradores

N.ºs 43, 44 e 45
 (Continuação)

Litras-N.º 45-9 - Sombrio-N.º 45-5 -
 Boavida-N.º 45-9 - Jo Fera-N.º 45-9 -
 Açnarepse-N.º 43, 7, N.º 44, 14, N.º 45, 7-
 (28) - Bucage-N.º 43, 1, N.º 44, 4, N.º 45, 1
 - (6).

Eis a lista completa dos decifradores da 3.ª serie.

Ziram, 189 - Zé João, 188 - Cabeça d'Agua, 186 - Boavida 162 - Litras, 161 - Celeste, 160 - Açnarepse, 148 - Sombrio, 138 - Jo Fera, 133 - Cabo do 11, 108 - Sado, 86 - Ranito, 77 - R. Passos, 62 - Nathalia, 61 - A. J. Teixeira, 42 - Raniga, 36 - Adegas, 34 - José 32 - Bucage, 29 - Bailio, 28 - Almeida Cyrne, 26 - E. Pincho, 22 - Giliosa, 18 - Ginginha, 13 - Orpheu, 12 - Anthero de Carvalho, 12 - Ojuara, 12 - Cardoso & Salgado, 10 - Mais um, 10 - Eurico de Sousa, 8 - Um garibaldino, 8 - Lovellos, irmãos, 6 - Carabanda, 5 - Cavalidade 2.º, 4.

Campeão da 3.ª serie

**EDUARDO MARIZ
SARMENTO** (Ziram)

R. Thomaz d'Annun-
 ção, 42-1.º

Artigos decifrados 189

E' pois ao Ex.º Sr. Eduardo Mariz Sarmento, empregado no ministerio das Obras Publicas e actualmente no Estoril, o contemplado com o

- 1.º Premio—**Um relógio d'ouro (Zenith).**
- 2.º Premio—**Uma palmatoria de prata,** coube ao Ex.º Sr. José João Rodrigues, (Zé João) morador na Rua 24 de Julho, 442.
- 3.º Premio—**Uma biscoiteira,** pertence ao Ex.º Sr. Francisco Martins, (Cabeça d'Agua), morador na Rua Nova da Trindade, 81.
- 4.º Premio—**Uma colleção do «Azulejos» encadernada em percalina,** cabe ao Ex.º Sr. Arlindo Garcia Boavida, (Boavida), morador na Rua Pereira de Sousa, 14, 2.º E.
- 5.º Premio—**Uma assignatura**

para a 4.ª serie—Ex.º Sr. Jayme da Rocha Figueiredo, (Litras),—R. de S. Luiz, 19, 2.º.

Os premios podem ser requisitados n'esta redacção, de sabbado em diante, das 12 ás 3 da tarde, em todos os dias uteis.

Charadas

Novissimas

O filho de Uru tem o appellido d'uma ilha-2-1.

ZIUL

Navega a ave ao som da musica-2-2.

PUMPUM

Dupla

Planta e parenta-2.

ZELINDA

Syncopada

3-A cidade tem um reptil-2.

THE CHILD

Biforme

O homem é da ilha Britannica-4.

RASCASSE

Truncada

A cegonha é um animal-3.

L. NINO

Electrica

Na ilha da Escocia cresce a arvore-2.

LITRAS

Enygmas

Typographico

VOB TARDE

C. C.

Por iniciaes

D R N S B P
 1 2 2 1 1 4

OJUARA

A T C S L A F
 3 1 2 3 2 1 2

OÇNERUOL

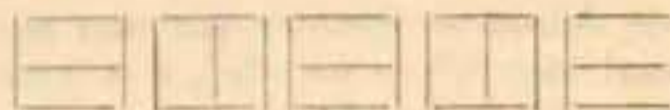
N A E N V S J E M
 1 2 1 1 2 2 3 2 1

J. P.

D C M E U S V C
 2 2 1 1 1 1 2 2

J. P.

De palitos (dupla)



Tirando 9 palitos fica um vicio e um molusco.

CABEÇA D'AGUIA



Tirando 6 palitos é branca.

J. P.

Artigos a decifrar 14

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3.ªs 5—Rua da Palma, 133, 1.º

A. P. FERRAZ
Chapeus para senhora e creanças
RUA DO OURO, 231
(Primeiro quarteirão vindo do Rocio)

Grande Deposito

— DE —

MOVEIS DE FERRO

— E —

Golchoaria

— DE —

JOSE A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a, 2.^a e 3.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e letras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

ADEUS A COIMBRA

CANÇÃO

Letra de
Bento Mantua

Musica de
Alfredo Mantua

CANTO

PIANO

Allg.^{mo}

São vossas boccas ó moçoilas Lá de Coimbra Lá de Coimbra In...da mais rubras que as pa
 poi las In...da mais rubras que as pa poi las Queo vento zimbra Queo ven to zimbra Vos...so ca bel lo quando e
 loi...ro E muito mais E muito mais Do que a me drada espi ga d'ou...ro Lá dos tri...gaes Lá dos tri...
 gaes Mas

pp

ppp

2º

Mas eu mais quero ás negras tranças
 De vós morenas (bis)
 A vós me prendem mil lembranças
 Da Lusa-Athenas (bis)

Deixei-vos ó fricanas lindas
 O meu pensar (bis)
 É só de vós penas infindas
 Trouxe a faltar. (bis)